



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Os afetos da mulher psicoterapeuta – Medo e violência

The Woman Psychotherapist's affections

DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1317

ARK: 57118/JRG.v7i15.1317

Recebido: 20/06/2024 | Aceito: 11/07/2024 | Publicado on-line: 12/07/2024

Jefferson de Jesus Brandão¹

<https://orcid.org/0000-0001-6292-3140>

<https://lattes.cnpq.br/7211382822236502>

Universidade Católica de Brasília- UCB, DF, Brasil

E-mail: jj.brandao@outlook.com

Ondina Pena Pereira²

<https://orcid.org/0000-0001-7874-9888>

<https://lattes.cnpq.br/6499670425098733>

Universidade Católica de Brasília- UCB, DF, Brasil

E-mail: ondinapena@gmail.com



Resumo

No presente artigo, realizamos um mapeamento dos afetos de mulheres psicoterapeutas entrevistadas em 2022. Realizamos uma seleção dos depoimentos ligados ao afeto medo, à possibilidade de sofrer violência e suas repercussões. A análise foi fundamentada na teoria dos afetos de Spinoza. Também consideramos os aspectos políticos na literatura de Deleuze e Foucault. Mapeamos o plano afetivo de psicólogas em suas respectivas atuações clínicas, acompanhando como seus afetos estão presentes na avaliação do campo terapêutico e seus processos. O medo provoca um estado de vigilância que, se prolongado, leva à redução da potência de uma pessoa, comprometendo sua capacidade de agir. De acordo com Spinoza (2009), os afetos tristes, como o medo, impedem a mente de formar ideias claras e distintas, limitando, desse modo, a capacidade de intervenção terapêutica eficaz. Evidenciou-se nesse mapeamento o impacto da violência de gênero, os movimentos de submissão e docilização dos corpos femininos e as estratégias de enfrentamento dessas mulheres. Este trabalho busca evidenciar as dificuldades que as psicoterapeutas enfrentam ao realizar seu trabalho, justamente em função das relações de poder estabelecidas entre os gêneros, em uma oposição distintiva que coloca o masculino em posição de superioridade em relação ao feminino.

Palavras-chave: afetos. afecções. emoções. medo. violência. psicóloga clínica.

¹ Graduação em Psicologia. Especialista em Gestalt Terapia. Mestre em Psicologia.

² Graduação em Ciências Sociais Mestrado em Filosofia. Doutorado em Antropologia. Pós-doutorado em Psicologia Social

Abstract

This article maps the affects experienced by female psychotherapists interviewed in 2022. We selected accounts related to the affect of fear, the possibility of suffering violence, and its repercussions. The analysis was based on Spinoza's theory of affects. We also considered the political aspects in the literature of Deleuze and Foucault. We mapped the affective plane of female psychologists in their respective clinical practices, observing how their affects are present in the assessment of the therapeutic field and its processes. Fear induces a state of vigilance that, if prolonged, leads to the depotentiation of a person, compromising their ability to act. According to Spinoza (2009), sad affects—such as fear—prevent the mind from forming clear and distinct ideas, thereby limiting the ability to perform effective therapeutic interventions. This mapping highlighted the impact of gender violence, the actions of making female bodies submissive and docile, and the coping strategies of these women. This work aims to highlight the difficulties that psychotherapists face in carrying out their work, precisely due to the relations of power established between genders, in a distinctive opposition that places the masculine in a position of superiority over the feminine.

Keywords: *affects. affections. emotions. fear. violence. female clinical psychologist.*

1. Introdução

Esse artigo objetiva investigar os afetos de mulheres psicoterapeutas, compreendendo que saber dos seus afetos é tão relevante quanto saber o que ela pensa, qual abordagem usa ou quais experiências ela já teve. A importância dos afetos será abordada aqui trazendo para a discussão a teoria dos afetos em Spinoza, autor que coloca em xeque a racionalidade cartesiana, cuja característica é a de separar a razão dos afetos como condição para a produção de conhecimento. Ao contrário disso, Spinoza compreende que o único conhecimento confiável é aquele que é produzido pela razão afetiva, isto é, para Spinoza, corpo e mente estão presentes na produção de conhecimento, porque expressam, cada qual em seu atributo, a substância, que é única. Dessa forma, o autor privilegia as afecções que o corpo sofre e os afetos que surgem delas, como ideias, conhecimento. Os pensamentos são afetos e estes são elementos modificadores das oscilações da potência de uma pessoa. Com esse raciocínio, fomos a campo na pesquisa “Afetos do Psicoterapeuta” conduzida em 2022, mapeamos a clínica, a fim de compreender a intervenção e escuta clínica enquanto está sob a condição de um afeto. Perguntamos: como o psicólogo age, intervém na fala do paciente nesse contexto e em como a composição conhecimento teórico/psicólogo/pessoa atendida resultam na singularidade de cada psicoterapia.

Nessa pesquisa, realizamos a descrição dos afetos sem selecionar afecções alegres ou tristes, isto é, sem pensar em afetos que aumentam ou diminuem a potência de uma pessoa. Buscamos compreender os efeitos dessa composição afetiva na maneira como o psicoterapeuta faz a escuta, seleciona os elementos mais relevantes do discurso e em como a linha de raciocínio se altera. Dito isto, notamos como o afeto medo estava presente nesse contexto, especialmente quando se tratava de homens sendo atendidos por mulheres. Isso nos levou a perscrutar as implicações históricas e sociais envolvidas na violência de gênero e despotencialização das mulheres nesse contexto. Em abril de 2024, a partir da notícia do assassinato de uma psicóloga em São Paulo, as vozes dessas psicólogas que entrevistamos dois anos atrás emergem ressoando com esse evento que tira a vida de uma mulher e atinge todo o coletivo de trabalhadoras psicoterapeutas. Parte significativa do que emergiu

no mapeamento feito em 2022 é o afeto do medo relacionado à possibilidade de sofrer violência. Isso começa com notícias, relatos de colegas e experiências que sofreram ao longo de suas carreiras. Nos comentários feitos pelas seguidoras da página que deu a notícia é possível notar a semelhança entre os discursos destas e das nossas entrevistadas de 2022: o receio de receber pacientes homens e de sofrer violência.

Para um psicoterapeuta, independentemente da abordagem, é necessário haver uma abertura para acolher todos os problemas humanos. Para tornar possível o trabalho clínico, é necessária a criação de um vínculo afetivo. O fato de ser um trabalho profissional não muda a condição de se tratar de um humano encontrando outro humano com abertura para escuta empática. Assim, para a efetividade do trabalho pressupõem-se autenticidade, esforço ativo de suspensão de julgamentos morais, acreditando num encontro potencializador das duas partes que estão em contato. Porém, como fazer esse movimento confiante depois de sofrer violência, não só no setting terapêutico como ao longo de toda uma vida? Para compreender a complexidade disso, lançamos mão da Ética de Spinoza, segundo quem nosso corpo e nossa mente agem, juntos, em função das afecções do mundo e a partir dos afetos passados, presentes e na expectativa dos encontros futuros. A experiência cotidiana torna evidente para nós que, se algo desperta medo, esse afeto conta uma história de medos semelhantes.

Por mais que tenhamos avançado em diversos aspectos acerca dos direitos conquistados pelas mulheres no tocante a sua autonomia, legitimidade na ocupação de espaços sociais de relevância e proteção de sua integridade existencial (contra violência física, psicológica e financeira), sabemos que no modelo de pensamento androcêntrico há o que Foucault chamou de sociedade disciplinar. Esta possibilita o exercício de um poder capilarizado que marca os corpos por meio de vigilância, aplicação de normas, punições e exames.

O assassinato mencionado acima foi contra Fabiana Maia Veras. Foi encontrada morta, amordaçada, amarrada e com marcas de violência em sua clínica na noite de terça-feira, 23 de abril, em Assú (RN). Na reportagem, uma amiga e colega de profissão lamenta compartilhando do medo de passar pelo mesmo: "Nós psicólogos também corremos risco de vida, tiraram a vida da minha amiga, talvez seja um surto, talvez um confronto de opiniões, discordância na intervenção clínica" (ESTADO DE MINAS, 2024).

De acordo com o delegado Márcio Lemos, responsável pelas investigações, tudo indica que "o intuito dele, foi buscar esse celular (da psicóloga), que ele trouxe para Natal e destruiu, para pegar o conteúdo, para saber qual o tipo de relacionamento que tinha com a ex-companheira dele. O intuito dele era realmente ter informações da ex através da psicóloga". O celular de Fabiana foi encontrado, destruído, no apartamento do homem que cometeu o crime (G1, 2024).

Nesse caso, temos a violência direcionada a Fabiana e a tentativa desse homem de vigiar e controlar a ex-esposa por meio das informações que supostamente buscou no celular da psicóloga. Foucault (1999) destaca que, nas sociedades disciplinares, as instituições desempenham o papel de normatização, aplicando práticas de classificação hierárquica em determinados lugares. O objetivo primordial de uma instituição é monitorar e regular os comportamentos dos sujeitos como indivíduos, observando atentamente suas ações e exercendo vigilância constante sobre eles por meio da docilização dos corpos, técnicas de adestramento e utilização do panóptico. O corpo dócil é aquele que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 1999). Um corpo que foi disciplinado se torna um recurso valioso, capaz de ser moldado para atender às várias necessidades do poder,

enquanto ferramenta social. Nesse processo entra a supervisão, vigilância e punição. A violência contra as mulheres que estamos abordando no contexto desse trabalho pode ser interpretada como efeito de técnicas de adestramento descritas por Foucault (1999), onde esses indivíduos, carregando modelos inscritos no tecido social, monitoram, controlam e aplicam punições (micro penalidades e técnicas de correção) às mulheres que fogem aos comportamentos prescritos pelo poder.

O movimento (das instituições) de coagir mulheres a permanecer confinadas em papéis subalternos de par amoroso heterossexual compulsório e zeladora não remunerada do espaço doméstico permanece, mesmo que sejam economicamente independentes. A ciência hegemônica parte desse coletivo de instituições, carrega, de maneira implícita, esse modelo patriarcal de pensamento que hierarquiza homem e mulher, mantendo a supremacia masculina. Essa diferença é justificada em discursos pretensamente neutros, com argumentos biológicos, que endossam protagonismo do masculino. Conforme várias feministas já alertaram, as mulheres só muito recentemente conseguiram construir um modelo epistemológico que lhes permite ter um lugar de produtoras de conhecimento, que tradicionalmente lhes foi negado (PEREIRA, 2015).

Há um adoecimento a partir dessa matriz binária, não só das mulheres, mas também dos homens que, obedecendo uma matriz simbólica exterior a si, reduz sua potência, o que os faz deixar de explorar sua singularidade criadora para ser reprodutor de ideias inadequadas. Consequentemente, este homem impotente se torna menos capaz de inibir impulsos violentos, afinal, como delinea Spinoza, a alegria é ser causa do desejo em si mesmo. Esses homens, afirma Pereira (2015, p. 42), referindo-se a Deleuze, seriam submetidos a um pensamento inadequado: “Para Deleuze (1988), o limite do pensamento da representação é que nele nos tornamos reféns da generalidade e da moral que diz que aquilo que não se enquadra deve ser esquecido”. Ou seja, os homens devem esquecer-se de que as mulheres são também humanas para que aquelas que ultrapassam os limites e ousam ser/agir como humanas, colocando-se em uma posição idêntica à dos homens, devem ser reposicionadas por meio de violências.

A violência enquanto mecanismo\consequência desses modelos de representação faz parte de um jogo simbólico que busca naturalizar a hierarquia vigente, conformando os corpos das mulheres a gestos de submissão. “Trata-se de um sistema social que inocula negatividade no seio da produção desejante” (PEREIRA, 2015, p. 55).

Assim, num movimento de desterritorialização e reterritorialização, a literatura feminista traça linhas de fuga, para escapar dos modelos explicativos tradicionais delineados com o intuito de invisibilizar a problemática da desigualdade de gênero. O principal aspecto abordado nesse movimento filosófico é a problemática da desigualdade de direitos entre os gêneros, somado às demais condições de desigualdade entre os humanos, tal como classe social e raça. Quanto à produção de conhecimento, esse movimento problematiza as relações entre os gêneros na produção acadêmica e científica, desvelando os reflexos dessas relações nos resultados de trabalhos inseridos num sistema androcêntrico de pensamento. O resultado desse esforço é chamado epistemologia feminista, uma maneira de pensar a sociedade rompendo com vários pressupostos das ciências hegemônicas, superando os limites da representação. Podemos citar a crítica à pressuposição de isenção e neutralidade, assumindo uma postura inversa, adotando um envolvimento com o objeto de pesquisa com seus afetos e implicações. Sem ideias *a priori* e sem métodos prontos, a ideia é a de um caminho que se faz ao percorrê-lo (PEREIRA,

2015, p. 145 e 146). “As feministas nômades desconstroem as oposições entre os sexos fundadas em estruturas de poder, permitindo-se, assim, perceber as mulheres na sua diversidade e multiplicidade” (PEREIRA, 2015, p. 20). Quanto à dimensão política, esta é compreendida como resistência permanente a normas excludentes e exigência de transformação dos significados atribuídos às diversas formas de existência.

Rompendo com a concepção tradicional do que seja uma mulher, com base em características biológicas e anatômicas como determinantes daquela existência, no feminismo delineia-se uma existência autoral e singular, numa visão sartreana (1943-1999), em que a existência precede a essência por meio da relação consigo mesmo, com o mundo e com os outros. Beauvoir (1949/ 1980), nessa perspectiva existencialista, demonstra como o argumento biologicista conduz à redução das possibilidades de vida, na procriação e manutenção da espécie, numa associação entre feminino e maternidade. Essa normatização dos papéis sociais a partir do gênero é uma construção eurocêntrica capitalista que interrompe o processo de construção de uma sociedade mais justa e potencializadora do devir de cada um (PEREIRA, 2015, p. 162).

Predominam, nesse contexto de exploração, violência e controle, afetos tristes e despotencializadores. Spinoza explica que quando os afetos são contrários à natureza da pessoa (tristeza, ódio, medo...), estes impedem a mente de compreender, de formar ideias nítidas e distintas. Afetos são entendidos aqui como resultantes das afecções do corpo e a ideia dessas afecções. Os afetos são transformadores, desencadeiam passagens a uma maior ou menor perfeição do corpo e da mente. As afecções flutuam aumentando, diminuindo, estimulando ou inibindo a potência de agir de uma pessoa. Assim, naturalmente tendemos a agir de modo a prolongar momentos e sensações que provoquem o aumento da potência e evitar encontros que a diminuam (SPINOZA, 2009, p. 97).

Assim, numa sociedade em que é tão frequente a ocorrência de eventos de violência contra as mulheres, há uma necessidade urgente de abordar e combater essa questão tão complexa. É fundamental enfatizar que a violência contra as mulheres, tanto no ambiente de trabalho quanto nos relacionamentos pessoais, é um reflexo das desigualdades estruturais de poder entre os gêneros, é um elemento perpetuador dos padrões de subordinação.

Portanto, visamos analisar esse grave problema social, tomando-o na sua capilaridade, nesse caso em questão, nos consultórios terapêuticos de psicologia, com o intuito de oferecer uma análise das dinâmicas de poder e das consequências existenciais dessa violência, promovendo a busca por soluções que visem a igualdade de gênero e o respeito aos direitos humanos das mulheres. Assim, buscamos mapear como psicólogas percebem seus próprios afetos nesse contexto, como acontece o processo de descobrir um limite afetivo e manter-se estável durante a sessão, qual a sensação da terapeuta ao encaminhar um atendido quando este desperta medo, nojo ou tristeza e como pode acabar se tornando hostil e punitiva com alguém que lhe desperta raiva.

2. Método

Nesse trabalho realizamos, fundamentados na teoria dos afetos de Baruch Spinoza, uma análise dos depoimentos coletados na dissertação de mestrado “Os Afetos do Psicoterapeuta” (BRANDÃO, 2022). Realizamos, para o presente artigo, uma seleção dos depoimentos ligados ao afeto medo, a possibilidade de sofrer violência e suas repercussões. Paralelamente, fizemos uma leitura aprofundada do livro *Ética*, de Spinoza, concentrando-nos especialmente no terceiro livro.

3. Resultados e Discussão

Tomaremos aqui as entrevistas feitas com psicólogas mulheres que se sentiram ameaçadas nos atendimentos a homens, sofrendo o afeto “medo”.

A partir do contato com as experiências das psicólogas, podemos perceber que o vínculo entre psicólogas e atendidos possibilita uma relação fluida e de crescente autoconfiança. Kauany, por exemplo, descreveu como um tom de voz mais áspero fez com que ela pensasse duas vezes antes de abordar um determinado tema. No entanto, ao longo do tempo, com mais convívio, vai conhecendo seu paciente bem o bastante para entender se ele está preparado para certas intervenções. Esse tempo de construção de vínculo envolve o medo de ter uma negativa, possibilita entender as peculiaridades e descobrir qual o nível de abertura para novas experiências de cada um, pois, dependendo das reações do paciente, até se julga e pensa se está realmente contribuindo para a sua melhora. A seguir as partes selecionadas das entrevistas:

Sobre o vínculo criado: Esse vínculo me ajuda a me desbloquear, me sinto mais livre para abordar determinados fenômenos, como chamamos na Gestalt. Dependendo do caso, se estou com essa trava, não consigo pensar sobre o caso e estabelecer as relações com a história da pessoa (Kauany).

Um vínculo terapêutico que inclua uma expectativa de confiança e respeito possibilita que tanto o atendido possa aderir e se engajar no processo psicoterapêutico, como psicoterapeutas trabalhem de uma maneira mais potente. Por outro lado, ideias de encontros desagradáveis podem provocar uma redução do potencial criador do psicólogo que pode entrar num modo de sobrevivência. Por exemplo, Ceci contou como, em nossa sociedade, as mulheres estão mais suscetíveis a sofrerem diversos tipos de violência, tal como um homem que assediou várias psicólogas. Questionada sobre como lidar com sinais de perigo, ela fala das precauções que toma ao não marcar as primeiras sessões à noite e ao marcar as primeiras sessões online. Num exemplo contou o que fez diante de homem que mostrou arma de fogo após a sessão: “Eu sabia que ele tinha porte, um dia ele chegou e me perguntou se eu queria ver, eu respondi “não”. Naquela época eu tinha terror de arma, não podia nem ver, mas atualmente eu já vi, então está ok”. Ao ser indagada acerca da sensação provocada pela presença da arma na sala, ela me respondeu: “Medo, mas lá era no convênio, também era noite, tinham mais pessoas, porém, eram todas mulheres (risos). Essa foi uma das coisas, ele também já me chamou para ir beber cerveja num barzinho da esquina com ele”.

Sobre o que sente agora ao olhar para essas cenas: A gente está sujeito, não é, cara? Trabalhamos com pessoas, e noventa por cento das vezes vem à terapia porque tem alguma coisa, difícil saber, tem gente de todo tipo. Mulher está mais suscetível. Houve um fato, de um cara que assediou várias psicólogas, marcava consulta online, apressadamente, falava de conteúdos sexuais e se masturbava durante a sessão (Ceci).

Além de Ceci, Anahí também contou como foi assediada diversas vezes. Certos homens começaram a fazer elogios e outros foram mais longe: “a pessoa chegava me cumprimentando, fingia que nada tinha acontecido, que não tinha marcado uma sessão comigo e ficava puxando conversa”. Além da indignação, entendemos que esses eventos levaram a um modo de rastreio de sinais de perigo e estratégias para aumentar a sensação de segurança. Afinal, numa escala de prioridades, a necessidade de autopreservação vem primeiro que o dever de ser útil naquele encontro. Tal como Ceci e Anahí, que se preocuparam em não atender pacientes novos à noite, as duas relataram conflitos ao se questionar se algo sinaliza perigo ou preconceito. Ambas já foram abordadas por pacientes com intenções afetivo/sexuais e destacaram como a presença de um “homem adulto” é um gatilho de medo e as famílias de ambas já foram envolvidas em suas preocupações e em estratégias de segurança. As consequências atravessam o bem-estar das trabalhadoras e conseqüentemente o desempenho delas durante outros casos nos quais não houve insinuações de violência.

Sobre as diferenças em atender mulheres, crianças, idosos e homens adultos: Não podemos generalizar, mas ainda existem muitas pessoas machistas, mulheres também, mas... venho pensando muito nisso. Algumas das minhas experiências dizem isso, algumas não, mas às vezes homens me dão medo. Homens às vezes são mais violentos, já vi brigas. (Ceci)

Vemos aqui uma percepção que antecipa a violência. Pela repetição, foi condicionada a esperar o pior dos encontros com homens, mesmo nesse espaço que inspira compreensão, segurança e acolhimento. Ceci, ao entrar no espaço terapêutico, não está isenta das normas disciplinadoras que regulam os corpos. A violência contra as psicoterapeutas pode ser vista como uma extensão das técnicas de dominação que visam manter as mulheres em papéis subalternos, úteis e disponíveis (trabalhar não é opcional na classe trabalhadora). Aqui temos a disciplina no biopoder, a produção de corpos politicamente dóceis e economicamente ativos (FOUCAULT, 1999). A primeira preocupação das psicoterapeutas quando entrávamos nesse tópico não era a de se preservar, mas de suprimir as expressões faciais e manterem-se continentais nesse papel.

Essa violência, essa agressividade estão um pouco mais voltadas para o lado masculino. Faz muitos anos que não vejo tv, talvez agora tenha mudado e não estou sabendo. Mas nunca senti medo atendendo uma mulher (Ceci). Você falou sobre ser mulher e atendi um casal em que o cara é machista, xingava ela, não é que eu fiquei do lado dela. Mas quando ele xinga mulheres, eu também sou, também recebi o xingamento. Ele a chamava de puta, de vagabunda. Eu olhava para ela e ela olhava de volta para mim. É horrível (Ceci).

Considerando o machismo estrutural, os regimes discursivos colocaram em marcha a codificação e assujeitamento das pessoas a classificações que podem tanto legitimar quanto diminuir num contexto hierárquico. Tal como em perguntas cotidianas sobre ocupação/profissão busca-se um rosto, altera-se o pronome de tratamento, destina-se o sujeito a um local “apropriado” e por fim conferem crédito ou descrédito àquela existência (DELEUZE E GUATTARI, 1997). Moara, enquanto mulher, fez um caminho específico para atender casais e precisou trabalhar seu olhar quanto ao feminismo para não generalizar e reduzir aquele homem à massa masculina que historicamente exerce poder e violência. Em suas palavras: “então sempre tenho que estar me observando... por ser mulher e querer tomar partido daquela mulher” (Moara). Para contornar esse olhar que supõe algo, Moara realiza uma suspensão das certezas e realiza perguntas norteadoras:

Sobre escutar o homem que compõe o casal: Olhando a história desse homem, pergunto: Para que ele é assim? O que fez ele ter esse tipo de comportamento? Como era seu pai? Como era a relação entre seu pai e sua mãe? Como eram os tratados entre eles? Quais os valores do casal? Pois aí compreendo, não olho aquele sujeito só ali com aquele comportamento, eu olho ele dentro da história dele, isso me ajuda a ter compreensão e ser psicóloga mesmo (Moara).

Moara contou que cultivava um movimento de respirar e voltar para o momento presente quando se indigna. Orienta-se por uma concepção teórica de compreensão do contexto familiar de origem e das circunstâncias que conduziram a pessoa até aquele modo de se relacionar. Ao questionar se aquele afeto se dissolve nesse movimento, ela me respondeu que não desaparece, “mas ele se torna mais fluido para aquele processo” (Moara).

Os afetos tristes, na perspectiva de Spinoza, resultam da consciência das afecções sofridas no corpo em encontros que nos decompõem, inibindo o pleno desenvolvimento da razão e nos tornando passivos, submissos e incapazes de desejar de acordo com a nossa própria natureza, assim como de desenvolver ideias adequadas. As ideias inadequadas podem sobrepor as ideias adequadas na ordem da essência de quem é afetado e isso explica como as pessoas podem fazer escolhas que resultam em sofrimento. “A mente, quer enquanto tem ideias claras e distintas, quer enquanto tem ideias confusas, esforça-se por perseverar em seu ser por uma duração indefinida, e está consciente desse seu esforço” (SPINOZA, 2009, p. 94).

Observamos que esses sinalizadores emocionais conduzem a linhas de raciocínio que, com base nos eventos passados da história da pessoa, generalizam para antecipar-se a situações intensas. Quando o encontro decompõe a pessoa, diminuindo a potência, esta tende a buscar estratégias para evitá-lo. Logo, se essa decomposição de corpos efetua um enfraquecimento da psicóloga, o natural é que ela se afaste, fisicamente ou mentalmente. A mente, como resposta, se esforçará por imaginar coisas que provoquem a sensação de aniquilar a causa imaginária de sua tristeza, inclusive numa efetuação da expressão de raiva e agressão (SPINOZA, 2009, p. 96).

Anahí já se percebeu agressiva e com atitudes punitivas diante do que experimentava com um certo perfil de pacientes. Ela contou que percebeu que isso se dava com “pessoas narcisistas” ou que tinham o mesmo padrão de seus pais, tal como alguém sinalizar que duvida de sua capacidade.

Por exemplo, eu já fui vítima de relacionamento abusivo, então, quando chegavam pacientes abusivos, que tratavam a pessoa com extrema frieza, diante das maldades que fazia, me dava muita raiva, eu ficava passivo-agressiva mesmo. Dava ferroadas, era meio antiprofissional. Mas eu sentia muita raiva, pois já estive em uma relação abusiva, mas hoje não faço mais isso, pois trabalhei na supervisão (Anahí).

Hoje consigo intervir no comportamento, antes eu queria provocar indignação na pessoa. Queria ferir ela de volta, queria punir. Hoje a minha intervenção é para provocar uma reflexão. Antes eu sentia raiva da pessoa, então eu era agressiva mesmo, não era só para intervir não, era para machucar (Anahí).

Anahí usou a palavra “maldade” quando se referiu a certas atitudes de alguns pacientes, assim, indaguei o que é a maldade na percepção dela. Sua ideia de maldade, no passado, se ligava a pessoas intrinsecamente ruins, que nasceram ruins, que em outra vida eram ruins e esse exercício se dá por escolha e falta de esforço. No entanto, explica que hoje tem uma visão mais humana e menos espiritual, percebe que: “não vejo mais ninguém como mau. Vejo pessoas que passaram por processos que fizeram com que elas precisassem de determinados comportamentos” (Anahí).

Isso interferiu muito na minha prática, nesse sentido dos afetos. Hoje eu entendo que a pessoa passou por coisas que a levaram a ter um determinado olhar de mundo, que a fizeram agir desse jeito. Hoje tenho mais empatia, vejo como uma criança que não teve oportunidade de ter amor direito, isso a levou a ser má. Mas não é o mau (Anahí).

O processo reflexivo de Anahi revela sua perspicácia e sua capacidade de, diante de circunstâncias semelhantes, por exemplo, estar diante de um homem que traz à memória experiências anteriores de agressão, é capaz de convocar a memória da sua forma de agir, produtora de maus afetos, e transformar a experiência em uma produção de bons afetos, agindo não mais para agredir, mas para fazê-lo refletir. Poderíamos dizer que é quase uma terapêutica spinozana. As experiências deixam marcas no corpo (memória), mas também temos memórias de ideias adequadas, que podem nos dirigir em momentos de risco de repetição.

Ao se examinar, Anahí disse que certos processos de culpa que experimenta, atualmente, também passam por esse modo de compreensão do mundo. Identifica em sua mãe uma cobrança pela perfeição, assim, errar tem um grande peso. Durante a entrevista, neste tópico, percebo-a se julgando pelo que está contando:

É muito cansativo. Já me senti muito culpada, pois já fiz intervenções muito erradas, hoje não faço mais isso, compreendo que estou estudando, fiz o que foi possível naquele dia (Anahí).

Para Anahí dar-se conta desses movimentos agressivos foram necessárias a psicoterapia e a supervisão. No momento da entrevista, relatou que atualmente percebe o gatilho se ativando diante de pessoas com esse perfil, mas se lembra de todo o seu processo terapêutico e entende o que essas pessoas desencadeiam nela. Assim, a antipatia esfria, porém, diz que sozinha não teria conseguido devido a raiva. Até conseguir chegar a esse ponto, encaminhou algumas pessoas, isto é, propôs a continuidade com outro terapeuta.

Ceci, diante dos atendidos que vem do sistema judiciário, experimentou medo de intervir e sofrer represálias. Sentiu-se paralisada algumas vezes e travou em meio a suas falas pensando em como dizer certas coisas. Acabou chegando à conclusão de que estava vulnerável ao receber pessoas que tinham cometido assassinato, pois poderia ser uma vítima também.

Eu dou umas paralisadas, me digo que devo ficar quieta, pois, atendemos essas famílias que são extremamente violentas. A gente tem trabalhado em supervisão que não podemos ficar paralisadas, ou eles tomam conta e não se faz nada. O medo paralisa, hoje já não paraliso diante de uma arma, mas você não sabe o que as pessoas são capazes. Quando eu atendia convênio tinham casos muito graves, pessoas que já tinham cometido assassinato. Nessa situação, eu raciocinava que da mesma forma que ele tinha matado alguém por nada ele poderia me procurar e me matar também (Ceci).

Ao ser questionada se sua intervenção muda ao saber dos crimes do atendido sua resposta foi afirmativa, entendendo como uma medida de proteção. Essa tentativa de proteger-se mobiliza atenção, raciocínio e energia. Ceci deixa visível o peso de sustentar esse esforço, há prejuízo do desempenho da prática clínica, queda da potência de agir e rebaixamento do humor. O medo, no sentido de Spinoza, é um afeto de tristeza que se refere ao futuro. Portanto, torna-nos menos potentes. Assim, a maior parte da potência de Ceci é dirigida ao afastamento desse medo, o que a torna menos capaz de produzir um afeto contrário, ou seja, uma alegria que gerasse mais potência e capacidade de agir.

Em um dado momento, Ceci contou que, em uma situação avaliada por ela como perigosa, se aliviou ao perceber que estava de máscara, pois seus “olhos estavam muito expressivos”, indicando medo. Perguntei como era a sensação de se perceber expressiva naquele contexto: “Óbvio que qualquer pessoa ficaria impactada com aquela história. Porém, tive medo dele perceber, talvez até tenha percebido, porém, acredito que isso é uma coisa minha, levar as pessoas a pensarem que não tenho experiência, ou que sou nova, isso volta” (Ceci). Assim, surgem as alternativas de ocultar os afetos com certas técnicas, no entanto, Ceci destaca uma problemática:

Quanto à ideia de contenção de si e de parecer uma parede eu escolho fazer um trabalho que estou olhando para as pessoas. Levando em conta que há a possibilidade de usar o divã, com elas deitadas, de costas. Eu nunca quis fazer isso, com um único evento de uma paciente que estava muito mal e eu pedi para ela se deitar. Não sei, não se vê a cara da pessoa, não se vê a expressão, isso diz muito (Ceci).

No entanto, os atendidos também podem perceber quando os psicoterapeutas não estão bem. De acordo com Ceci, isso faz parte, “pois, somos gente”. Mesmo com esse posicionamento de afirmar o aparecimento dos afetos como algo humano, prossegue afirmando que muitas vezes não lhe cabe naquele momento: “tenho que ser... sei lá é só ele. Por exemplo, às vezes se eu tossir a pessoa perde o raciocínio, fica perdida, pois eu posso interromper aquele estado” (Ceci). Já se tratando de Moara, consciente de sua transparência afetiva, tenta não escancarar o que sente: “eu respiro, relaxo meu ombro e me coloco no lugar de terapeuta. Não deixo de ser humana em nenhum momento, consigo perceber quando estou saindo desse lugar. Volto, respiro. Antes eu era muito julgadora comigo mesmo, hoje eu não sou assim,

entendo minha humanidade. Mas eu também acho que a gente vai tendo uma maturidade de se perceber e não expor isso” (Moara).

Quanto à maturidade, experiência e expressão de emoções, Ceci também mencionou que a expressão dos afetos transmite uma ideia de inexperiência. Percebe-se que ela se refere a um modelo ideal de psicólogo que não reage afetivamente, a não ser que, racionalmente e suportado por teorias, veja utilidade naquela expressão. Questionada acerca da possibilidade do paciente notar sua tensão no cuidado com as palavras ela explica:

Ele não percebe não. Se bem que às vezes dou uma travada nas frases, penso melhor durante as frases. Mas ele não percebe não. Mas se percebesse eu teria mais receio ainda. A pessoa acharia que não tenho experiência ou que não sei o que estou fazendo.

Temos o treinamento para não aparecer, pois às vezes não me cabe, é só a pessoa, eu não posso ser uma pessoa, tenho que ser... só ele. (Ceci).

Em resposta a isso, surgem movimentos de supressão das expressões emocionais, seja para não passar imagem de inexperiência ou para não ferir a pessoa num momento de vulnerabilidade. Nesse raciocínio, ao sorrir em certo contexto, o psicoterapeuta pode passar a ideia de deboche, ridicularização e quebrar o vínculo, comunicando incompreensão. Anahí conta como é importante a capacidade de suprimir certos afetos ao imaginarmos o paciente percebendo medo em seu rosto: “Seria horrível, principalmente com o tipo de demanda que ele traz, eu seria uma péssima psicóloga, não iria ajudar ele de jeito nenhum” (Anahí). Moara conta como “esfria” um afeto: “eu costumo usar muito a respiração para voltar ao centro, quando alguma emoção não deveria participar daquele momento eu respiro e volto para aquela situação” (Moara). Já Kauany descreve que respira fundo e bebe água para não chorar junto com o paciente.

Como sempre minha água me socorre, e faz com que eu não transpareça. Então eu respirei, tomei uma água e busquei me manter focada. Houve um momento que pensei: “não vou ficar me cobrando e nem me penalizando por ter esses pensamentos, pois não é uma coisa que eu estou escolhendo”. Mas eu sabia de tudo que eu estava escutando ali. Sabia de tudo que eu estava ouvindo, consegui questionar e intervir da melhor forma (Kauany).

Spinoza escreve que quando os afetos são contrários à natureza da pessoa (tristeza, ódio, medo...), estes impedem a mente de compreender, de formar ideias nítidas e distintas. Assim, podemos nos aproximar do desafio enfrentado por essas mulheres que precisam realizar raciocínios complexos enquanto lidam com a possibilidade da violência e suas repercussões. O conceito de servidão desenvolvido por Spinoza contribui para essa discussão ao nos chamar atenção para a força que os afetos têm sobre as decisões de uma pessoa.

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior (SPINOZA, 2009, p. 141).

Poderíamos entender que não há saída a partir desse raciocínio, visto que a pessoa se liga àquilo que pode no lugar em que se encontra e dessa forma mesmo que pessoa esteja consciente de seus apetites (aquilo por cuja causa faz alguma coisa) isso não significa que consegue estabelecer as conexões das causas pelas quais algo lhe apetece (SPINOZA, 2009, p. 144). Por outro lado, quando falamos sobre afetos ações, termo usado aqui com uma amplitude significativa diferente do convencional, podemos afirmar que não há ação nesse contexto que não vise um encontro potencializador. Os afetos paixões podem provocar felicidade, contudo, somos sujeitos a eventos exteriores a nós. A ação, por outro lado, provém de uma proatividade, felicidade desencadeada por ideias adequadas. Dessarte, o puro conhecimento racional é impotente diante da força dos afetos passionais, todavia, o conhecimento racional pode gerar uma afetividade, afeto ação, capaz de suplantar os afetos paixões (MARTINS, 2009, p. 32). Percebo esse movimento nas entrevistadas que buscaram psicoterapia e criaram mecanismos para contornar esses afetos paixões, sabendo que o cuidado de si é o caminho para ser capaz de produzir encontros potencializadores e impedir uma cronificação das relações de decomposição dos encontros na clínica.

4. Considerações Finais

Ao mapearmos os afetos das psicoterapeutas, compreendemos como o medo e a possibilidade da violência se entrelaçam em suas práticas clínicas, afetando não apenas o desempenho profissional, mas também sua qualidade de vida. Sabemos que os afetos são inerentes à natureza humana, compondo de maneira significativa nossas ações e decisões. A presença do medo, especialmente relacionado à possibilidade de sofrer violência, emerge de experiências passadas e relatos de colegas, criando um ambiente de constante alerta e precaução. Este estado contínuo de vigilância pode levar a uma redução significativa da potência de agir, conforme explicado por Spinoza, onde os afetos tristes, como o medo, impedem a mente de formar ideias claras e distintas e limitando a capacidade de intervenção terapêutica eficaz. Esta perspectiva nos ajuda a entender a dificuldade que as psicoterapeutas enfrentam ao tentar equilibrar suas emoções e manter a objetividade necessária para um atendimento clínico eficaz. A constante exposição a situações de risco e o medo de violência física e psicológica reforçam a desigualdade de gênero, tornando difícil para essas profissionais agirem de maneira autônoma e potente.

Pensando na insistência de uma supremacia masculina que responde ressentida à ascensão de trabalhadoras em cargos de notório saber e prestígio, podemos esperar que a tentativa de as desqualificar surja em abordagens desrespeitosas e violentas. Como mencionamos no início desse artigo, as instituições androcêntricas por séculos reduziram as possibilidades de atuação das mulheres a papéis subalternos. Ilustra isso o número de mulheres na Academia Brasileira de Letras, no dia 7 de junho de 2024, com o ingresso de Lilia Schwarcz, temos 5 mulheres e 35 homens.

Apesar disso, as psicoterapeutas que entrevistamos, ao enfrentarem essas barreiras, demonstram um esforço constante para transformar esses afetos passivos em afetos ativos, gerando uma resiliência notável em suas práticas. Mesmo diante de situações de risco e medo, desenvolvem estratégias para enfrentar esses desafios. Elas não apenas reconhecem os afetos que experienciam, mas também buscam compreender suas causas e encontrar maneiras de mitigá-los. Conforme Spinoza, a mente humana, enquanto tem ideias adequadas, esforça-se por impedir ou afastar o que lhe causa tristeza (SPINOZA, 2009). Um exemplo claro dessa superação é o

esforço ativo para suspender julgamentos e acolher os pacientes de maneira empática e compreensiva. Este movimento descrito por Anahí de realizar psicoterapia, supervisão e estudos ilustram como os afetos podem realizar passagens para estados mais potentes, de afecções passivas para ativas.

O caso de Fabiana Maia Veras ilustra de forma trágica a vulnerabilidade das psicoterapeutas à violência. O assassinato de Fabiana não apenas representa uma perda individual, mas também reflete um problema sistêmico de violência de gênero que permeia a sociedade e as práticas profissionais. Este evento ressoou profundamente entre as psicoterapeutas que comentaram sobre o caso nas redes sociais, ressaltando o medo constante que enfrentam ao atender pacientes homens.

Portanto, este estudo destaca a necessidade urgente de abordar a violência de gênero e suas implicações nas práticas de saúde mental no Congresso, escolas, universidades e nos mais diversos espaços públicos e privados. É crucial desenvolver políticas e estratégias que visem proteger as mulheres, não só psicoterapeutas. Aqui fizemos um mapeamento da vida dessas pessoas enquanto representantes de outras que enfrentam desafios e preocupações semelhantes em outras profissões. Ao reconhecer a profundidade e a implicação dos afetos em todos os âmbitos da vida humana, podemos desenvolver abordagens mais eficazes para potencializar essas profissionais e promover um ambiente de trabalho mais justo e seguro, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 1. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BRANDÃO, Jefferson J. *Os afetos do psicoterapeuta*. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2022. Orientadora: Profa. Dra. Ondina Pena Pereira.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. Ed. Escuta, São Paulo, 2002.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. v.2. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**, 2ªed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

ESTADO DE MINAS. *Psicóloga é encontrada morta e amarrada dentro de clínica*. Estado de Minas, Nacional, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.em.com.br/nacional/2024/04/6844343-psicologa-e-encontrada-morta-e-amarrada-dentro-de-clinica.html>. Acesso em: 1 jun. 2024.

FILHO, K. P. BARBARÓI, M. M. T. **A Cartografia Como Método Para as Ciências Humanas e Sociais**. Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999, p.118.

GLEIZER, Marcos A. **Espinosa e a Afetividade Humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

G1. Servidor que matou psicóloga se aproximou da vítima para conseguir informações sobre ex, diz polícia. G1, Rio Grande do Norte, 25 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2024/04/25/servidor-que-matou-psicologa-se-aproximou-da-vitima-para-conseguir-informacoes-sobre-ex-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2024.

García, Carmen T. Cabral, Blanca E. Socioantropología de la violencia de género. **Revista de estudios de género**: La ventana, ISSN 1405-9436, Vol. 1, N°. 10, 1999, págs. 160-183

MARTINS, André. (Org.). (2009). **O mais potente dos afetos**: Spinoza e Nietzsche. São Paulo, Martins Fontes.

PEREIRA, Ondina Pena (Org.). Saúde mental, ética e política: vidas dissidentes e práticas psicológicas contra-hegemônicas. 1. ed. eBook. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

SPINOZA, Baruch. **Ética/ Spinoza**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 1. ed. Paris: Gallimard, 1943.